

## 11640 - O paradoxo da Agroecologia

### *The Agroecology paradox*

BORSATTO, Ricardo S.<sup>1</sup>; CARMO, Maristela. S.<sup>2</sup>

1 FATEC-IP/FEAGRI - UNICAMP, [ricardo.borsatto@fatec.sp.gov](mailto:ricardo.borsatto@fatec.sp.gov); 2 FEAGRI - UNICAMP, [stella@agr.unicamp.br](mailto:stella@agr.unicamp.br)

**Resumo:** Este ensaio visa abordar o denominado *Paradoxo da Agroecologia*, que se configura a partir do momento em que muitos pesquisadores, envolvidos na temática da Agroecologia, requerem para ela o status de Ciência, ao mesmo tempo em que a sua postura epistemológica questiona severamente os paradigmas vigentes no campo científico. Aqui se defende que a Agroecologia pertence também ao campo científico, não negando que ela possa pertencer a outros campos. Para tanto, utiliza os referenciais teóricos da teoria de campos de Pierre Bourdieu e das revoluções científicas de Thomas Kuhn.

**Palavras -Chave:** Epistemologia, ciência, paradigmas

**Abstract:** *This essay aims to address the so-called The Agroecology Paradox, which is configured when many researchers involved in the matter of Agroecology, requiring her to the status of science at the same time questioning the epistemological paradigms of science. Here one argues that Agroecology also belongs to the scientific field, while not denying that it may belong to other fields. For it, is used the theoretical approaches of Pierre Bourdieu's field theory and Thomas Kuhn's Scientific Revolutions theory.*

**Key Words:** *Epistemology, science, paradigms*

### **Introdução**

Como já alertaram alguns autores, vem ocorrendo uma profunda confusão no uso do termo Agroecologia, o que tem levado a interpretações conceituais diversas, vagas e muitas vezes contraditórias (CAPORAL e COSTABEBER, 2004; WEZEL et al., 2009). Deste modo, determinar que a Agroecologia pertence ao campo científico e, a partir disso, definir a sua base epistemológica, se configura como uma importante estratégia para evitar que ela possa ser facilmente apropriada por atores, que por interesses diversos, queiram utilizá-la em causas próprias, contraditórias à semântica desejada.

WEZEL et al. (2009) também suscitaram essa preocupação ao afirmarem que um dos grandes desafios que a Agroecologia tem pela frente, será o de escapar de ser marginalizada como muito vaga, confusa e ineficaz, tanto para os cientistas, quanto para os agricultores, ambientalistas e consumidores, que desejam expressar suas preocupações sócio-ambientais em relação à agricultura e apoiar processos de sua transformação

Assim, argumenta-se baseado na teoria de campos de Pierre Bourdieu (1930-2002), sobre a importância de que a Agroecologia seja reconhecida como um sub-campo acadêmico. Se constituindo numa ação estratégica na busca da consolidação de processos de desenvolvimento rural sustentáveis, já que caso consiga esse reconhecimento, mais clara será a sua conotação e, conseqüentemente, mais difícil será o seu desvirtuamento.

Sabe-se de antemão que não é exclusividade desse campo a geração de respostas para a crise sócio-ambiental vivenciada, até porque a Agroecologia, em sua base epistemológica, reconhece a ineficácia do autoritarismo da ciência positivista. Por outro lado, são nas articulações desse sub-campo emergente, com outros campos de ação, como o dos movimentos sociais, ou o político, ou o cultural, que serão encontrados os caminhos que levarão em direção às respostas buscadas. Outro ponto relevante dessa estratégia é a possibilidade de, a partir de seu sub-campo, a Agroecologia, influenciar o campo científico como um todo, contribuindo para uma revolução científica evidenciada por KUHN (2005).

### **Pela consolidação da Agroecologia como um campo científico**

BOURDIEU (2008) descreveu que o campo universitário é um lugar de lutas para determinar as condições e os critérios de pertencimento e de hierarquia legítimas. Em outras palavras, o autor afirmou que, o campo universitário se caracteriza pelas disputas entre diferentes grupos para definir quais são as propriedades pertinentes, eficientes e apropriadas para a produção dos conhecimentos que o campo provê.

Compreender que o campo científico é um campo dinâmico e em disputa, e não estático e determinado com leis pétreas, abre espaços para o surgimento de novas disciplinas ou ciências que, ao mesmo tempo em que questionam os valores dominantes, se utilizam deles para fazer valer novos valores. Disto deriva a possibilidade de que partir de dentro do próprio campo acadêmico, agindo conforme os valores nele dominantes, seja viável a realização de transformações significativas dentro desse mesmo campo.

KUHN (2005) ao estudar a evolução dos conhecimentos científicos, verificou que essa não ocorre por processos acumulativos lineares, onde sobre os conhecimentos gerados anteriormente são adicionados novos conhecimentos. Pelo contrário, o autor identificou que a evolução científica se dá por meio de grandes rupturas, ou como ele denominou por revoluções científicas. Para tanto ele partiu do conceito de paradigmas, que identificou como realizações científicas que, durante algum tempo, conseguem fornecer problemas e soluções modulares para a comunidade científica e assim vão se consolidando como um universo de valores culturais, ideológicos, históricos e epistemológicos que condicionam a produção do conhecimento.

Como explica KUHN (2005), os paradigmas adquirem seu status por serem mais ou menos bem sucedidos (melhor que os paradigmas concorrentes) na resolução de alguns problemas considerados importantes pelo campo acadêmico específico. Porém, como alertou o autor, isso não significa nem que o paradigma é totalmente bem sucedido na solução de um único problema, nem mesmo que ele é bem sucedido em um grande número deles.

A Agroecologia encontra espaço para emergir no seio do campo científico, justamente pelas Ciências Agrárias estarem vivenciando uma crise pré-paradigmática. Perceptível, já que o paradigma vigente em seu campo não tem conseguido dar respostas consistentes o bastante para a crise sócio-ambiental vivenciada no meio rural.

Deste modo, dentro do campo acadêmico, começam a surgir, de forma crescente,

pesquisadores que questionam o paradigma dominante, que se debruçam na filosofia para buscar respostas para as charadas que não estão conseguindo resolver. Iniciam uma série de questionamentos à epistemologia vigente, bem como a busca de novas regras e paradigmas para enfrentar os novos problemas observados.

Quando os paradigmas dominantes passam a ser questionados intensamente, novos compromissos profissionais são assumidos pela comunidade acadêmica, e assim surgem as revoluções científicas.

A partir dessa compreensão, argumenta-se que somente ao se consolidar como um sub-campo científico, é que a Agroecologia terá a legitimidade para disputar com os outros paradigmas, qual o mais apropriado para apoiar processos rumo a um desenvolvimento rural sustentável.

### **O risco de se tornar uma ciência escrava**

O espaço para a conformação de um novo paradigma nunca é dado, mas sim conquistado, por meio de verdadeiras disputas sociais. Como apontou BOURDIEU (2004, p. 22-23) “Todo campo, o campo científico por exemplo, é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças”.

Como foi proposto que a consolidação da Agroecologia como uma Ciência é uma importante estratégia para a construção de caminhos que possibilitem a consecução de um rural sustentável. Adiante são debatidas as estruturas dos campos científicos, visando subsidiar esse processo.

Um campo científico qualquer, assim como os demais campos, por exemplo, o literário, o artístico, o jurídico, se constitui como um mundo social igual a todos os demais, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas. A noção de campo serve para designar esse espaço relativamente autônomo (BOURDIEU, 2004).

Aqui se argumenta que um dos maiores desafios para a Agroecologia se consolidar como uma Ciência reside no fato de muitos de seus militantes desejarem, utopicamente, submetê-la exclusivamente ao controle e demandas dos agricultores camponeses. Em outras palavras, ambicionarem que o conhecimento gerado pela Agroecologia possua exclusivamente um fim prático, de transformação social.

Por mais paradoxal que possa parecer, nada mais perigoso do que essa postura. Uma das características determinantes de um campo científico reside exatamente em seu grau de autonomia (BOURDIEU, 2004). Ressalta-se que não está sendo proposto aqui que a Agroecologia deve se encastelar nas instituições de pesquisa, isolando-se das demandas sociais, mas sim que é preciso escapar à alternativa de ela se tornar uma ciência escrava, sujeita exclusivamente às demandas político-sociais, tanto quanto de ela se tornar uma ciência pura.

Uma das manifestações mais perceptíveis de um campo científico é a sua capacidade de retraduzir, de forma específica, as pressões ou demandas externas. As pressões externas, sejam de que naturezas forem (econômicas, políticas, sociais), são sempre mediatizadas pela lógica do campo (BOURDIEU, 2004). Isso significa dizer que um

campo científico é influenciado por essas pressões e demandas, mas que não deve se submeter às mesmas sob pena de perder o seu status.

Deste modo, pode-se inferir que a Agroecologia deve se esforçar por traduzir para a linguagem de seu campo científico as demandas sociais, bem como, no sentido inverso, traduzir os resultados de seus esforços para que eles possam ser utilizados pelo seu público alvo. Em uma busca constante pelo estabelecimento de diálogos entre campos autônomos, mas interligados. Caso não consiga estabelecer a sua autonomia, as conjunturas externas, principalmente políticas, irão se exprimir diretamente no interior do campo. Assim, em conjunturas favoráveis o campo pode até florescer, mas em desfavoráveis provavelmente padecerá, sem chance de se recuperar.

Por outro lado, quando um campo se torna mais autônomo, os seus paradigmas, ou seja, as ações consideradas como legítimas, as metodologias consideradas válidas, os locais de publicação relevantes, os temas de pesquisa escolhidos, etc., serão definidos pela estrutura de relações objetivas entre os agentes pertencentes ao próprio campo. Em outras palavras, a estrutura do campo passa a ser determinada pela distribuição do capital científico (entre agentes e instituições) no seu interior. Essa pressão estrutural não assume necessariamente a forma de imposição direta, como no caso das pressões exteriores.

Assim se configura um aparente paradoxo que precisa ser enfrentado pela Agroecologia, onde por um lado para ser reconhecida como uma Ciência é necessária a busca pela autonomia de seu campo, e por outro se propõe a ser uma ciência mais aberta aos conhecimentos populares com uma base epistemológica radicalmente diferente dos demais campos científicos.

Na verdade esse aparente paradoxo se constitui em uma falácia, já que um ponto não impede o outro, pelo contrário se complementam, sendo que a referida autonomia propicia a Agroecologia atingir seu estratégico e almejado status de ciência, o que por sua vez lhe fornecerá o reconhecimento e força necessários para validar e difundir a sua postura epistemológica (e os conhecimentos advindos dela) no campo científico, bem como nos demais campos sociais.

Deste modo, conclui-se que para a Agroecologia sobreviver a essa fase de acumulação inicial, onde está mais exposta à contestação, à crítica e aos ataques do capital científico institucionalizado e, assim difundir os seus paradigmas, é vital que ela busque a sua autonomia.

### **Organizando as idéias**

O caminho até aqui percorrido tem a sua justificativa nas resistências que o surgimento de novos campos científicos enfrentam. Ainda mais quando um campo, como no caso da Agroecologia, se propõe a questionar de forma radical os paradigmas dominantes, afirmando inclusive que são esses paradigmas, em grande parte, os responsáveis pelos problemas vivenciados atualmente no meio rural.

A Agroecologia enquanto campo científico emergente, devido as suas características conflitivistas, vem sofrendo uma série de críticas, marginalizações e preconceitos para

estabelecer os seus paradigmas. Deste modo, esse ensaio buscou demonstrar que para enfrentar a essas críticas e ataques, e consolidar os seus paradigmas, a Agroecologia necessita se estabelecer como um campo científico e, para tanto, buscar a sua autonomia. A partir disso, ela ganhará cada vez mais legitimidade e poder para difundir seus paradigmas e deste modo contribuir para a construção de conhecimentos que levem a um rural mais sustentável.

A Agroecologia adere-se ao conceito de *scienza nuova* proposto por MORIN (2001), já que se esforça para modificar, transformar e enriquecer o conceito atual de ciência. Trata-se de constituir uma ciência que apreende simultaneamente a unidade e a diversidade, as continuidades e as rupturas. Uma ciência que escapa ao campo das disciplinas e atravessa-as numa perspectiva transdisciplinar. Onde ao contrario dos paradigmas científicos dominantes, o objeto de pesquisa não deve somente ser adequado à ciência, mas onde a ciência deve se adequar aos objetos ou sujeitos. Mas como alertou o próprio MORIN (2001), nada é mais difícil do que modificar todo o arcabouço epistemológico no qual se baseia o edifício intelectual. Qualquer tentativa nesse sentido será duramente combatida com todas as armas disponíveis. Cada questionamento à super-estrutura de idéias na qual a ciência se assenta, será rejeitado com violência e desqualificado como não científico, isto é, sem status, sem qualidade para realizar esse questionamento.

A Agroecologia se propõe a questionar a ciência convencional. Os agroécólogos devem ter em mente que as suas pesquisas fazem desmoronar toda essa super-estrutura na qual as ciências vem se baseando nos últimos séculos. Deste modo, sua tarefa é hercúlea e de certa forma ingrata, já que serão marginalizados em seu próprio campo. Por outro lado, a satisfação virá dos resultados de seus trabalhos quando aplicados na prática, da consciência ética de contribuir para a construção de uma sociedade melhor.

### **Bibliografia Citada**

- BOURDIEU, P. **Homo academicus**. Madrid: Siglo XXI, 2008.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. Agroecologia: enfoque científico e estratégico para apoiar o desenvolvimento rural sustentável. In: CAPORAL F.R.; COSTABEBER, J.A. **Agroecologia e Extensão Rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004c. p. 95-120.
- KUHN, T. S. **Estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva. 2005.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001(a). 177 p.
- WEZEL, A.; BELLON, S.; DORÉ, T.; FRANCIS, C.; VALLOD, D.; DAVID, C. Agroecology as a science, a movement and a practice: a review. **Agron. Sustain. Dev.**, n.29, p. 503-515, 2009.